

NA FESTA DA CONCEPÇÃO DA BEM-AVENTURADA VIRGEM MARIA¹

Sermão 262

S. Tomás de Vilanova, OSA²

“Admirável é a obra do Altíssimo” (Eclo 43,2).

1. Numa obra importante são se notam duas coisas, a saber: a excelência da matéria e a beleza da forma. Costuma-se também ponderar que uma figura perfeita seja esculpida de uma matéria dura e imaleável. Por exemplo, é mais meritório esculpir um centauro numa rocha ou pedra dura que fazê-lo em ouro ou em prata.

Na Virgem Maria quero que consideres mais a forma, isto é, a graça, do que a matéria, isto é, a natureza. “Não repareis — diz — eu ser morena” (Ct 1,6). Sou filha de Adão, uma moça como as outras, embora virgem formosa, de estirpe real, intacta, pura, sem contato com varão. Pois toda “a beleza desta filha do Rei está no interior” (Sl 44,14), na alma; pois sua natureza exterior está formada pelo barro (cf. Gn 2,7), que aparece em Adão como algo vil e de pouco valor.

“Sou morena — diz —, mas formosa”; “morena”, e continua: “como as tendas de Cedar”, isto é, como as demais mulheres do mundo, e ainda “mas formosa como os pavilhões de Salomão” (Ct 1,5). Chamou de “pavilhões” as virtudes humanas de Cristo, as quais embora ninguém consiga imitar; antes, ninguém as alcançou como a Virgem. Portanto, desta obra se pode dizer: “A obra superou a matéria”.³

“Comparo-te, amiga minha — diz —, à minha cavalaria atrelada aos carros de Faraó” (Ct 1,9). Chama cavalaria de Deus a seus anjos, arcanjos, tronos, os quais são como carros nos quais Deus se senta. “Vós que estais sen-

1) Tradução do latim por Felipe de Azevedo Ramos, EP, a partir de: TOMÁS DE VILLANUEVA, Santo. Conciones 262-292. Fiestas de la Virgen María. In: MANRIQUE, Laureano; GUIRAU, José Manuel (ed.). *Obras completas*. Madrid: BAC, 2013, vol. 7, p. 2-29. As referências bíblicas foram cotejadas com a versão revista e ampliada da *Bíblia de Jerusalém* (2002).

2) Tomás de Vilanova (1488-1555), canonizado em 1658 por Alexandre VII, foi arcebispo de Valência, escritor e grande orador sagrado. Certa vez, Carlos V, ao ouvi-lo pregar, exclamou: “Este bispo comove até mesmo as pedras!”

3) Ovídio. *Metamorfoses*, II, 5.

tado sobre os querubins” (Sl 80,2) — diz o Salmista — e ainda: “Os carros de Deus são dezenas de milhares, milhões estão em festa; no meio deles está o Senhor” (Sl 68,18). Os carros do Faraó são carne e sangue, os homens perdidos, nos quais se senta o Faraó, isto é, o demônio. Eis o maravilhoso na Virgem, e enaltece bastante a sabedoria do Artífice que uma filha de Adão, semelhante às outras mulheres na natureza, não apenas se assemelha, mas até mesmo ultrapassa os espíritos angélicos em pureza, formosura, graça e valor. Milagre e prodígio de todo surpreendente: uma moça que supera todos os anjos por seu esplendor e formosura. E isso realça ainda mais a excelência da arte, porque imprimir tal forma na natureza humana rebelde tem mais valor do que fazê-lo no ouro da natureza angélica.

Ou ainda: “Comparo-te, amiga minha, à minha cavalaria atrelada aos carros de Faraó” (Ct 1,9). O “carro do Faraó” é a carne desenfreada, indomável, na qual o demônio transporta as milhares de suas concupiscências. Além disso, “carro do Faraó” são todos os que vivem conforme suas concupiscências carnis, e cujo montador é o diabo.

A cavalaria de Deus são os coros angélicos. Por conseguinte, “nos carros do Faraó” significa: na carne mortal dos homens mortais e mundanos, nos quais se assenta o demônio. A Virgem, a eles semelhante no corpo, isto é, sujeita à mesma fragilidade da natureza humana, que em muitos é veículo do demônio, nesta natureza — insisto — “comparo-te”, ó Virgem puríssima, pela graça, pela pureza e pela inocência, “à minha cavalaria”, isto é, à natureza angélica, sobre a qual me assento. Maravilha estupenda e “admirável obra do Altíssimo”: uma moça, filha de Adão, mais pura que os anjos, mais bela que os anjos e mais insigne que os anjos.

O trono de Salomão foi feito de marfim e de ouro puríssimo, com seis degraus e dois braços. “O rei fez um grande sólio de marfim, e o revestiu de ouro puríssimo; e ainda, seis degraus, pelos quais subia ao sólio, e dois braços, um de cada lado” (II Cr 9,17-18). O trono de nosso pacífico Salomão, quero dizer, de Nosso Senhor Jesus Cristo segundo a carne, é a Virgem, que Ele formou de marfim e ouro puríssimo e limpíssimo, porque a criou puríssima e imaculada. Os seis degraus são as virtudes de todas as hierarquias eclesíásticas que teve em si, a saber, a dos patriarcas, dos profetas, dos apóstolos, dos evangelistas, dos mártires, dos confessores, das virgens, dos anacoretas. E os dois braços representam a criação e a preservação do pecado. Eis uma maravilhosa escultura e “obra admirável do Altíssimo”.

2. Na estrutura do segundo templo, o Senhor consolou o povo e os sacerdotes tristes, porque aquele edifício parecia nada em comparação com o pri-

meiro, dizendo: “Ainda um pouco de tempo e eu abalarei o céu e a terra, o mar e todo o universo. Eu abalarei todas as nações, e virá o esperado de todas as nações; e eu encherei de glória este Templo. A glória deste último templo será maior que a do primeiro, e neste lugar eu darei a paz” (Ag 2,6-7.9). O primeiro edifício foi Eva no estado de inocência: bela, formosa, inocente e sábia; o segundo foi a Virgem Maria, humilde e mortal. Mas não vos entristeçais, pecadores: “a glória deste último templo será maior que a do primeiro”. Aquela nos matou, esta nos vivificou; aquela nos trouxe a morte, e esta a vida; aquela foi criatura de Deus, esta foi Mãe de Deus; aquela foi a ruína do mundo, esta foi seu remédio; aquela foi formada sem pecado de uma costela, esta foi concebida sem pecado, mesmo gerada pelos pais.

“E no templo eu darei a paz”. Não houve rebelião, nem agitação de sensualidade, nem inclinação ao pecado, porque, como diz o Salmo, “fixou na paz sua morada” (Sl 75,3). Que morada é essa senão o seio virginal? Em paz concebido no seio, em paz também viveu fora dele.

De fato, na construção do Templo de Salomão não se escutava sequer o ruído do martelo, porque as pedras bem enquadradas se juntavam sem necessidade do martelo. Diz a Escritura: “O Templo foi construído com pedras já talhadas; de modo que não se ouviu barulho de martelo, de cinzel, nem de qualquer outra ferramenta, durante sua construção” (I Rs 6,7), pois como diz o profeta: “Nela foi quebrado, feito em pedaços, o martelo de toda a terra” (Jr 50,23), isto é, de toda a carne, da qual diz o Salmista: “Eis que eu nasci na iniquidade, minha mãe concebeu-me no pecado.” (Sl 51,7). Na paz, pois, foi formada no seio, a fim de que tivesse paz na vida. Se não tivesse sido livre do pecado original, também não teria sido livre do pecado atual, conforme a réplica do Pai⁴ Agostinho contra Juliano a respeito de Cristo. Eis as suas palavras: “Certamente cometera, pois, maior pecado, se já o tivesse quando criança. E por isso nenhum homem, exceto Ele, deixou de cometer pecado ao chegar à maturidade, porque à sua exceção, ninguém se viu livre do pecado ao sair da idade infantil”.⁵

Do mesmo modo, parece que o salmo insinua isso quando diz: “Deus está no meio de seu coração: ela é inabalável” (Sl 46,6). E acrescenta a seguir, apontando a causa: “Deus a socorre na alvorada da manhã” (Sl 46,6). Para entender essa declaração se deve notar que, como diz o profeta, os dias do

4) Denominação utilizada para os fundadores ou mestres de vida espiritual. O autor, recorde-se, é agostiniano.

5) AGOSTINHO DE HIPONA. *Contra Iulianum*, l. 5, c. 15, n. 57.

homem são como os dias temporais. Assim, o amanhecer é como o nascimento, a virilidade como o meio-dia, a velhice como a tarde, e a morte como o ocaso. Desta maneira, pois, o homem se consome desde a manhã até a tarde. “Dia e noite tu me consumias” (Is 38,13). Por conseguinte, “Deus a socorre ao romper da manhã”, mas não só na “manhã” do nascimento, mas também na “alvorada” de sua concepção; e por isso: “Deus está no meio de seu coração: ela é inabalável”. Deus se distancia totalmente do coração pelo pecado mortal; desvia-se pouco, embora sem abandonar o coração, pelo pecado venial. Portanto, Deus não se desviará nem um pouco do coração [dela], nem sequer pelo pecado venial. Por quê? Porque “Deus a socorre na alvorada da manhã”, preservando-a do pecado original.

3. E não penses que seja por não valer muita coisa para a Virgem ter sido concebida sem pecado; esta glória não é menor nem menos especial do que ser Mãe de Deus segundo a carne. Não crês que seria desonra não pequena à Virgem, se dissesse que ela foi escrava do pecado, ainda que fosse por um momento? Ou filha da perdição, sujeita ao demônio e tocada pela mancha universal? Como ela esmagaria a cabeça do demônio (cf. Gn 3,15), se antes esteve sob seus pés? Longe, longe de nós inferir tal mácula à nossa glória.

Sobre a imunidade do pecado: A “terra” dos sacerdotes não pagava tributo ao rei Faraó no tempo da fome (cf. Gn 47,26), mas estava livre. Da mesma forma, a Virgem tampouco pagou tributo ao diabo, pois dela nasceu “o sacerdote eterno — o Cristo Senhor — segundo a ordem de Melquisedec” (cf. Sl 110,4). Portanto, “fixou sua morada na paz”, isto é, a Virgem foi formada na paz, e o martelo não foi ouvido — como foi recordado — na edificação deste excelso templo. Pode-se afirmar do martelo o que foi dito: “foi quebrado o martelo de toda a terra”, isto é, o pecado, que contaminou toda a natureza humana, que teve na Virgem uma exceção, isto é, “foi quebrado, feito em pedaços”.

“Realizei só uma obra e todos vos admirais” (Jo 7,21). Por quê? Porque é sem dúvida uma obra digna de admiração e “admirável é a obra do Altíssimo. Ele santificou seu tabernáculo” (Sl 46,5). Mas quando isso aconteceu, senão quando “Deus a socorreu na alvorada da manhã?”, conforme citado anteriormente? Por isso diz o Cristopolitano, sobre esse versículo do salmo: “Na Virgem a noite é a formação do corpo; a aurora a sua animação; a manhã seu nascimento”.⁶ Portanto, na formação do corpo, na sua animação e em seu nascimento, “o Altíssimo santificou seu tabernáculo”. Assim como através da

6) PÉREZ DE VALENCIA, Jaime (bispo agostiniano de Cristópolis). *In Psalmos*, ad 45, 5.

pena se conhece a culpa, assim também pela ausência de pena se pode concluir a ausência da culpa, conforme diz Gregório.⁷ Já a redução do corpo ao pó foi a pena do pecado, pois assim disse Deus a Adão quando este pecou: “És pó e ao pó tornarás” (Gn 3,19). Pois bem, assim como cremos que a Virgem não voltou ao pó, mas que se encontra gloriosa em corpo e alma no céu, assim também pia e verdadeiramente cremos que foi concebida sem pecado. Com efeito, se não tivesse sido isenta do vício, tampouco estaria isenta do castigo.

4. E se dizes: “A Virgem morreu, suportou a fome, a sede, bem como algumas outras penas do pecado”, respondo: Cristo, sem ter cometido pecado, experimentou essas penas a fim de ganhar mérito por nós; a Virgem também as experimentou para merecer para si. Com efeito, não era conveniente que a Mãe fosse privada das penas que o Filho assumiu por nós. Por isso, ela pode nos dizer de novo: “Não repareis eu ser morena, foi o Sol que me queimou” (Ct 1,6), a fim de ser seu auxiliar, em tudo semelhante a Ele; de sorte que pode acrescentar por si mesma: “Sou morena, mas sou formosa, como os pavilhões de Salomão” (Ct 1,5). “Morena” pelas penitências, “formosa” pelos méritos; como “os pavilhões de Salomão”, isto é, pela própria humanidade. Nesse sentido, diz o mesmo Cântico dos Cânticos: “Bela como a lua” (Ct 6,10). Com efeito, embora a lua seja branca, possui no meio uma certa obscuridade graças a uma porosidade maior, que é incapaz de refletir os raios de Sol. Assim, pois, a Virgem, toda esplendorosa nesta vida mortal, não desprezou se ofuscar pelas nossas penitências, de sorte que quanto menos brilha aos olhares terrenos, tanto mais luminosa e clara aparece nas alturas aos olhares angélicos. Com efeito, a parte da lua que menos brilha para nós devido à sua diafaneidade é a mais esplêndida e mais luminosa para quem está por cima.

Diz Santo Ambrósio: “Esta é a haste na qual não houve o nó do pecado original nem a casca do pecado venial”.⁸ Bem se compara a casca ao pecado venial, e o nó ao pecado original: pois é fácil descascar a haste, mas não limpá-la dos nós. Com efeito, elimina-se facilmente o pecado venial, contudo o original, embora apagado quanto à culpa, permanece impresso na natureza pela inclinação do pecado, vindo à tona com frequência. É isto o que diz Naum: “Não torna limpo o inocente” (Na 1,3), porque, purificado da culpa,

7) Cf. GREGÓRIO MAGNO. *Moralia in Iob*, l. 8, cap. 10.

8) Acerca disso não se pôde encontrar nada nas obras genuínas de Santo Ambrósio. Nas obras colocadas no apêndice da última edição de Paris se lê algo parecido, no sermão 28: “Brotou a haste da raiz de Jesus, e nascerá dela a flor; a haste era Maria, esplendorosa, sutil e virgem, que com a integridade do seu corpo fez brotar a Cristo como uma flor”.

permanece ainda infectado pela inclinação [do pecado]. Por isso, Jó se lamenta dizendo: “Se pequei e depois me perdoastes, por que então não permites que me veja limpo da minha iniquidade?” (Jó 10,14), isto é, da raiz do pecado.

Esta é, portanto, a haste que floresceu sem humidade, ou seja, sem a semente do varão. Esta é a haste que “dividiu o Mar Vermelho em duas metades” (Ex 14,16; Sl 136,13). Esta é a haste que nos oferece todos os dias a água que sai da rocha (cf. Ex 17,6). Ela é aquela que devora todos os dias as serpentes dos pecados em nós (Ex 7,12), e ainda as serpentes das heresias, segundo as palavras: “Sozinha abolistes as heresias do mundo inteiro”.⁹ Ela é a púrpura do rei, da qual foi feita aquela veste sem mancha e sem ruga, “inconsútil, tecida de alto a baixo” (Jo 19,23), isto é, a humanidade de Cristo.

Porque foi esta a túnica que, na lã e da própria lã púrpura, foi púrpura sem tintura, conforme relato de Plínio a respeito da púrpura.¹⁰ Nós, pelo contrário, somos como certos tecidos que, pela tintura, ficam tingidos. A Virgem, embebida desde o princípio pela tintura da graça, absorveu de tal modo que não pode mais perdê-la; e nós muitas vezes perdemos rapidamente a tintura da graça, que recebemos bem mais tarde.

A Virgem é chamada “espelho sem mancha” (Sb 7,26), porque, como no espelho, que para refletir a imagem precisa de duas coisas, a saber, o cristal e o chumbo, assim também na Virgem se deu o cristal da pureza e o chumbo da humildade. Por isso é que nela aparece visível a imagem de Deus Pai feito carne. Diz Bernardo: “A Virgem rainha está por cima de todos”.¹¹

5. Note-se que assim como numa obra importante se distinguem a matéria e a forma, assim também a obra artística há de ser feita pelo artista segundo um modelo. Com efeito, este modelo é duplo: vivo e morto. Por exemplo, no pintor o modelo vivo é a arte ou imagem que ele tem dentro de si; o modelo morto é a imagem exterior que ele contempla. Já em Deus não cabe um modelo exterior que o oriente, porque isto seria uma imperfeição. O modelo vivo é o seu Verbo, razão ideal de todas as coisas. Por isso, diz João: “Tudo foi feito por meio dele e sem ele nada foi feito. O que foi feito nele era a vida, e a vida era a luz dos homens”, etc. (Jo 1,3-4). O Verbo, segundo Platão, é o mundo inteligível, do qual procede todo este mundo sensível.¹² Donde dizer a Escritura: “Deus viu que era bom tudo aquilo que tinha feito: e era muito bom.”

9) ANÔNIMO (séc. VIII). *Antiph. off. B.M.V. ad matinas*.

10) PLÍNIO, O VELHO. *Hist. nat.*, 9, 36.

11) BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo de nativitate B.M.V.*, 12.

12) PLATÃO. *Timeu*, 526 (ed. lugd.).

(Gn 1,31). Bom na perfeição da natureza, melhor no exercício da sua virtude, excelente na obediência ao Criador. De acordo com São Tomás: Poderiam, por acaso, essas coisas serem melhores? Respondo que sim, consideradas em si mesmas. Contudo, não no que diz respeito a seu conjunto artístico e até mesmo em relação à ordem do universo.¹³

Mas, por que se acrescentou ao término da criação de cada obra a passagem “Deus viu que era bom” (Gn 1,31), e não foi dito isso em relação ao homem? O Santo Pai Agostinho explica em *De Genesi ad litteram*: “Por que se afirmou dos gados, das bestas e dos répteis: ‘Deus viu que era bom’, e não foi dito nada do homem que foi criado com os animais no mesmo sexto dia? Seria porque ainda não era perfeito, uma vez que ainda não tinha sido colocado no paraíso? Ou ainda, Deus vendo, em sua presciência, que o homem haveria de pecar, não conservando a perfeição de sua imagem, não quis dizer que ele era bom, como que anunciando o que viria a acontecer? Assim, portanto, o próprio homem não foi louvado porque haveria de cair”.¹⁴

6. Na Virgem podem se verificar as palavras do Eclesiástico: “Eu fiz levantar nos céus a luz indefectível” (Eclo 24,6). São três as características da luz: em primeiro lugar, é ser a primeira das criaturas: “No princípio, Deus criou o céu e a terra. Ora, a terra estava vazia e vaga, as trevas cobriam o abismo, e o espírito de Deus pairava sobre as águas. E Deus disse: ‘Faça-se a luz’” (Gn 1,1-3). A Santíssima Virgem é a primeira em dignidade. Diz Anselmo: “Não há nada igual a ti, ó Senhora!, nada comparável a ti; pois tudo o que existe, ou está sobre ti, e é Deus, ou abaixo de ti, onde está tudo o que não é Deus”.¹⁵ E afirma São Tomás que ela tem uma certa infinidade.¹⁶ “Imperei sobre todos os povos e sobre todas as nações. Desde o início, antes de todos os séculos, ele me criou, e não deixarei de existir” (Eclo 24,10.14). Como foi criada a Virgem “desde o início”? A explicação é a seguinte: não foi “criada desde o início” do tempo, mas sim segundo a condição; não quer dizer que foi criada “desde o princípio”, mas que seguiu o modo e a condição das demais criaturas criadas, em primeiro lugar e “desde o início”, quer dizer, que foi criada sem defeito algum nem pecado. Pois o anjo e o homem foram criados em graça. E assim se diz de Lúcifer: “Estavas no jardim de Deus” (Ex 28,13); e do homem: “Deus criou o homem reto” (Ecl 7,30). Portanto, assim como o anjo e

13) Cf. TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.*, I, q. 47, a. 2, ad 1.

14) AGOSTINHO DE HIPONA. *De Gen. ad litt.*, 3, 24.

15) PSEUDO-ANSELMO. *Tract. de conceptione B.V.M.*, apêndice.

16) TOMÁS DE AQUINO. *In I Sent.*, d. 44, q. 1, a. 3.

Adão foram criados em graça, assim também a Virgem foi concebida em graça. Portanto, não teve de nenhum modo a condição da natureza corrompida, mas sim da natureza criada. Assim como dizemos “exército de Aragão”, não porque seja de Aragão, mas porque a ele presta contas. O mesmo se aplica ao exército de Castela.

Mas o anjo e Adão foram criados de modo semelhante, porém caíram. Por isso, se acrescenta: “Desde o início, antes de todos os séculos, fui criada, e não deixarei de existir até os séculos futuros”. A razão é que ela recebeu a graça desde o início, conservando-a sempre ilesa, por não expulsá-la pelo pecado. O Santo Pai Agostinho explica: “Ó caridade, fizeste não apenas que Maria não pecasse, mas que nem pudesse sequer cogitar sobre o pecado”.¹⁷ Esta é a obra da caridade. Pois assim como o ímã atrai o ferro, assim também a alma e a vontade férreas são atraídas pelo pecado. Mas se, pelo contrário, se coloca o diamante da graça, o ímã do pecado não consegue arrastar para si a vontade. Portanto, a graça, que purifica outros do pecado, preservou Maria do pecado não apenas no não pecar, mas também no não contrair o pecado [original], por especial privilégio daquele que a escolheu de modo singular para ser sua Mãe.

7. Segunda característica da luz. É a mais bela das criaturas corpóreas, porque sem ela nada existiria de belo; tudo seria feio. Bernardo pergunta: “Tire o Sol, e o que restará senão trevas? Tire Maria, e o que restará senão obscuridade e cegueira do espírito?”¹⁸ Diz o Esposo: “Como és bela, minha amada, como és bela!” (Ct 1,15). Bela com a beleza da inocência, bela com a beleza da graça, bela no corpo, bela na alma, a Virgem rainha, por estes dons excelentes, foi ornada com pérolas e estrelas: “Uma Mulher vestida com o sol, tendo a lua sob os pés e sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas” (Ap 12,1).

“Uma Mulher vestida com o sol”, pois como o sol supera todos os luzeiros do céu graças à sua exímia claridade, assim também Maria, depois de seu Filho, supera toda criatura racional pelo esplendor e beleza da virtude e da graça. “Tendo a lua sob os pés”; “pois também todo defeito e tudo o que há de fragilidade ou de corrupção está sob a Virgem, ela está com toda a sublimidade por cima de todas as demais criaturas, ultrapassando-as a fim de que se possa dizer que a lua está sob seus pés”.¹⁹

17) Citação não encontrada na obra de Santo Agostinho.

18) BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo de nativitate B.M.V.*, 6.

19) Idem. *Sermo infraoct. Assumptionis*, 3.

“E sobre a cabeça uma coroa de doze estrelas”. Continua Bernardo: “Com toda justiça se coroa de estrelas a cabeça que, brilhando mais intensamente do que elas, lhes oferece ainda mais beleza do que se delas recebesse beleza”.²⁰ Quem pode estimar o valor daquelas pedras preciosas? Quem pode dar nome às estrelas que compõem o diadema real de Maria, que a adornam e a embelezam extraordinariamente? Deste modo, se somente aquele admirável modo da concepção de Maria, isento de iniquidade, diferentemente dos demais, abala a acuidade da mente, e até diria, não sem dificuldade, que mesmo os olhares angélicos ficam turbados, ante a prerrogativa, fulgor, esplendor e beleza desta concepção. É figura disso Judith que, ao lançar-se num perigoso combate contra Holofernes, “ao raiar do dia, via-se nos olhos de todos o pasmo, tão encantados estavam com sua beleza” (Jt 10,11.14). Assim também a Virgem, ao empreender especial combate contra o diabo, do qual, como outra Judith, se não cortou a sua cabeça, esmagou-a “ao raiar do dia”, ao iniciar a vida, em sua concepção, houve e haverá para sempre “nos olhos de todos o pasmo, tão encantados estavam com sua beleza”. Outra figura: Sansão morre arrebatado e iludido pela beleza de Dalila (cf. Jz 16,1s). Esta representa a Virgem; já Sansão, o forte Deus das vinganças (cf. Sl 93,1) que, arrebatado pela formosura da Virgem e por ela feito homem, foi crucificado pelos judeus. Em suma, “és toda bela, minha amada, toda bela, em ti não há a menor mancha” (cf. Ct 4,7).

8. Terceira condição da luz. É universal, preenche tudo, conforme disse Santo Ambrósio no *Hexameron*.²¹ A Virgem não foi feita com certo peso e medida. Deu a todos e preencheu tudo; e como o Sol de Justiça (cf. Ml 4,2), Cristo nosso Deus, derrama sua luz sobre bons e os maus (cf. Mt 5,45), assim também a Virgem sacratíssima, como luz inextinguível, irradia os raios de sua misericórdia, “apresenta-se a si mesma acessível a todos, sem distinção,²² clementíssima para com todos, e por fim, se compadece de todos com transbordante afeto em suas necessidades”. Diz São Bernardo: “Ela foi feita tudo para todos, fez-se devedora tanto de sábios quanto de ignorantes com uma caridade inesgotável; a todos abriu as entranhas da misericórdia, para que todos possam participar de sua plenitude: o cativo pela redenção, o enfermo pela cura, o triste pela consolação, o pecador pelo perdão, o justo pela graça, o anjo pela alegria e, por fim, toda Trindade pela glória, a pessoa do Filho pela substância da carne humana a fim de que não haja ‘quem possa descon-

20) *Ibid.*, 7.

21) AMBRÓSIO DE MILÃO. *Hexaem.*, l. 1, cap. 9, n. 34.

22) BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo infraoct. Assumptionis*, 3.

der-se de seu calor' (Sl 18,7)".²³ Ó lâmpada brilhantíssima, a quantos alegraste quando, iluminada pelo esplendor divino, surgiste imaculada no seio de tua mãe! "A tua concepção, ó Virgem Mãe de Deus, anunciou a alegria ao mundo inteiro".²⁴

Com razão aquele divino cantor do epitalâmio,²⁵ contemplando-te de longe, em teu nascimento, exclama: "Quem é essa que desponta como a aurora, bela como a lua, fulgurante como o sol, terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas?" (Ct 6,10). Como "aurora" em todo seu fulgor despontastes no mundo, ó Maria, quando, delineada pelo fulgor do verdadeiro Sol, foste imaculada em tua concepção; porque Ele mesmo, como Sol de Justiça que de ti viria de nascer, prevendo em ti uma certa irradiação matutina, infundiu em ti, com toda abundância, os raios de sua luz, mediante os quais puseste em fuga o poder das trevas que Eva havia produzido. Tu és chamada "bela como a lua", e não sem razão és comparada com ela; porque ela é, entre todos os astros, a mais parecida com o sol, e graciosa por sua semelhança e brancura. Tu brilhas sozinha, gloriosa no céu com total pureza entre os milhares de astros que assistem a Deus. Tu és, portanto, "bela como a lua", ou melhor ainda, mais bela que ela, porque és "toda bela" e não há em ti sequer uma sombra de mácula do pecado original e do atual. Tu és "eleita como o sol". Pois aquele Sol, que é o autor do sol, foi escolhido entre milhares de homens; enquanto tu foste eleita entre milhares de mulheres. Tu és "terrível como esquadrão com bandeiras desfraldadas". Ou não estremeceram de horror os príncipes das trevas quando viram, para além do habitual, que surgia contra eles uma mulher concebida de modo imaculado, provida com a mais forte das armaduras? Mais ainda, também na sua animação, tivessem sido delegados poderosos exércitos de espirituais virtudes e uma milícia de inumeráveis espíritos dos bem-aventurados a fim de proteger o puríssimo leito de Salomão (cf. Ct 3,7), e assim nenhum hóspede intruso ousasse invadir a hospedagem preparada para o Rei eterno, mas sim que dissessem: Esta aqui é maior do que Eva. "Este é o acampamento de Deus" (Gn 32,2), fujamos do acampamento de Israel.

9. É possível ainda demonstrar de outro modo este especial privilégio da Imaculada Conceição. Em primeiro lugar, pela autoridade do Gênesis, onde Deus, ao amaldiçoar a terra, diz: "Maldito é o solo por causa de ti! [...] Ele

23) *Ibid.*, 2

24) *Ant. in II Vesp. in solemnitate immaculatae conceptionis B.M.V.*

25) Isto é, cântico nupcial.

produzirá para ti espinhos e cardos” (Gn 3,17-18). Entenda-se esta maldição, de acordo com Bernardo,²⁶ ou seja, refere-se não somente à terra que pisamos com os pés, mas também ao corpo terreno; porque o corpo foi infectado pela obra de Adão, e depois do pecado produz, por si mesmo, espinhos de concupiscências e abrolhos de apetites desordenados.

Contudo, antes dessa maldição geral, excetuou a Virgem da regra, dizendo à serpente: “Ela te esmagará a cabeça” (Gn 3,15). Qual é, pois, a cabeça da serpente senão o pecado original do qual derivam e se desdobram todos os pecados? Portanto, “ela te esmagará a cabeça” porque nela — como disse o profeta e mais acima foi demonstrado — “foi quebrado, feito em pedaços, o martelo de toda a terra”, ficando assim subtraída da culpa original.

Mas apesar de que esta supramencionada autoridade seja bastante clara, há outro exemplo em Jó que expressa a mesma coisa com ainda mais clareza: “Pereça o dia em que nasci, e a noite em que se disse: ‘Um menino foi concebido!’ Que se escureçam as estrelas da sua aurora, que espere pela luz que não vem, que não veja as pálpebras da alvorada” (Jó 3,2-3.9). Esta noite, segundo São Gregório,²⁷ é a própria culpa original, na qual todos os homens são concebidos, e cuja destruição e perecimento o profeta deseja. E continua Jó: “que se escureçam as estrelas”, isto é, todos os santos e justos são concebidos e obscurecidos na mancha original. Esta noite, que “espera pela luz que não vem”, se refere a Cristo, que não teve o pecado original, como “luz verdadeira que ilumina a todo homem” (Jo 1,9). A razão pela qual não viu foi porque não houve mancha na luz desta noite. Segue: “que não veja as pálpebras da alvorada”. Que aurora seria essa senão a Virgem Maria, que engendrou a “luz”, isto é, Cristo? Esta tenebrosa noite não viu sua alvorada nem dentro do ventre nem ao dele sair. Eis que nenhum dos santos é excetuado, mas apenas a “luz”, isto é, Cristo, pela natureza, bem como a “aurora”, isto é, a Virgem Maria, por privilégio. Portanto, não se entenda o nascimento do ventre, mas o nascimento da aurora no ventre, pois também João (cf. Lc 1,44) e Jeremias (cf. Jr 1,5) foram purificados no momento de seu nascimento.

10. Há, contudo, nos Salmos outra autoridade que, embora não tão expressa, pode assim mesmo se aplicar ao caso. Lá se diz: “Enquanto repousais entre os muros do aprisco, as asas da Pomba se cobrem de prata e suas penas com o brilho do ouro” (Sl 67,14). A Santíssima Virgem Maria é essa pomba prateada, pomba por sua simplicidade, prateada devido à sua pureza virginal.

26) BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo I in fest. omn. sanctorum*, 9.

27) Mais provavelmente: TOMÁS DE AQUINO. *S. Th.*, II-II, q. 76, a. 2, co.

E as duas asas com que protege toda a Igreja e a defende de todo o ataque de inimigos são sua benignidade e sua humildade. A razão é que por ser misericordiosa, se compadece de nossas fraquezas, e por ser humilde não deixa de socorrer aqueles de quem se compadece. Afirmo São Bernardo: “Tuas outras virtudes podem agradar a outros; já aos miseráveis é a tua misericórdia a que mais lhes agrada”.²⁸ “Enquanto repousais entre os muros do aprisco”. A palavra “cleros” [em grego] quer dizer sorte. Isto se aplica à Bem-Aventurada Virgem: “as asas da Pomba se cobrem de prata”, com o verso de suas “penas com o brilho do ouro”. Verso é aquilo que significamos como passado. E quanto mais tempo e mais distante dele vivemos, tanto mais o nascimento fica para trás. Ora, a própria concepção é a porta pela qual saímos para esta vida e a que mais deixamos para trás. Esta concepção na Virgem foi “com o brilho do ouro”, no fulgor da graça, porque a graça é ouro, segundo o que foi dito: “Aconselho-te a comprar de mim ouro purificado no fogo para que enriqueças, vestes brancas para que te cubras e não apareça a vergonha da tua nudez” (Ap 3,18).

Também se pode aplicar aqui a figura universal de Ester. Havia uma lei geral que proibia a entrada [nos aposentos do rei]. Ester chegou e entrou. O rei estendeu o cetro e a tocou dizendo: “Que há, Ester? Eu sou teu irmão, não temas! Não morrerás! Porque esta lei não foi posta para ti, mas para todos os demais” (Es 5,1f = Vg 15,12-13). Esta lei não foi promulgada para ti: não morrerás, ó Virgem, na entrada, embora a entrada na vida de todos os demais seja na morte, e a morte seja o porteiro do pecado que na porta da vida a todos jugula. Contudo, não morrerás, pois o rei estendeu o seu cetro. A cruz de Cristo é o cetro real: a cruz, isto é, a força da cruz é estendida desde Adão, o primeiro pecador, até o último que há de vir. Eis o quanto ela é abarcativa! A quantos tocou a força da Cruz, ao estender o cetro, limpou-os do contágio da morte. Contudo, a Virgem, mesmo na entrada de sua animação, tocou o cetro. Portanto, acima de todos, foi preservada, não como os demais que são socorridos após a animação.

A fim de estabelecer isso com maior firmeza, note-se o que disse o Senhor de seu Precursor: “Entre os nascidos de mulher, não surgiu nenhum maior do que João, o Batista” (Mt 11,11). Pergunto eu: a Virgem também não nasceu de mulher? Então o Batista é maior que a Virgem Maria? A resposta é: “entre os nascidos de mulher” que na animação já caíram e contraíram a culpa, e se levantaram depois limpos e resgatados, entre estes “não surgiu nenhum

28) BERNARDO DE CLARAVAL. *Sermo 4 in assumpt. B.M.V.*, 8.

maior do que João, o Batista”. Mas entre todos, a Virgem foi preservada de cair. Como não necessitava de ser levantada, a autoridade da Escritura em nada rebaixa a sua excelência, como se a considerasse inferior ao Precursor.

11. Ainda outras duas comparações genéricas podem ser acrescentadas. A primeira se refere ao herdeiro mais velho, por exemplo, um dos filhos do rei ou do imperador: antes mesmo de ele receber a herança, é costume preparar a habitação de modo magnífico, ornada e cumulada com toda a sorte objetos de grande valor. Cristo é o herdeiro em maioridade, é o primogênito e unigênito de Deus; herdou na Paixão e tomou posse de sua herança na Ressurreição. “Toda a autoridade sobre o céu e sobre a terra me foi entregue” (Mt 28,18). Por isso, o Pai, antes que viesse o tempo da herança, preparou para Ele [o Filho] uma habitação especial, uma casa de ouro, a Virgem Sacratíssima, ornada com todas as virtudes, quais objetos do mais alto valor. Preparou sua Mãe, da qual tomaria a carne, com a qual, morando nela, como que dela se revestiria, não com um preço já pago, mas como uma conta a pagar.

Segunda comparação: É costume que um rei, que tenha um filho guerreiro, disposto a recuperar o reino do pai e proporcionar uma vitória de grande glória contra um inimigo funesto, entregue a este seu filho, antes da batalha, uma grande quantidade de ouro e de prata a fim de aplicar no fortalecimento de seu exército. Cristo chegou como destemido chefe da guerra, fortemente armado (cf. Lc 11,21), disposto a despojar as armas do forte, e acorrentá-lo — ou seja, o próprio demônio —, e recuperar o reino e as pessoas que o diabo por inveja tinha sequestrado e havia usurpado para si injustamente. Lutou com força no Monte Calvário, sobre o forte corcel da Cruz, ou seja, na mesma madeira que Adão foi enganado e derrotado pela fraude diabólica. Portanto, o Pai, antes do combate, concedeu a seu Filho uma enorme recompensa para que este triunfasse sobre aquele mortal e infernal inimigo, a saber, a graça que preservou a sua Mãe com vistas ao mérito de sua futura Paixão.

É possível ainda acrescentar a seguinte razão poderosa, entre outras: tal dignidade, a saber, a de não haver tido pecado, é a maior de todas, maior inclusive do que ter dado à luz a Deus. Logo, se isso não é contraditório e aparece como provável, esta graça não deve ser negada à Virgem. De uma parte, a Igreja não só permite, mas favorece essa opinião; e de outra, não há nada na Sagrada Escritura que implique no contrário. Portanto, é necessário atribuir este privilégio à Virgem, e é temerário, além de ímpio, embora não herético, divulgar com pertinácia o contrário nos dias de hoje e não crer na excelência da Virgem.

12. Ficamos admirados com coisas insólitas, que ocorrem fora do curso habitual dos acontecimentos. Na Virgem tudo é admirável, tudo é prodigioso, pois, concebida sem pecado, fora da ordem comum, sem precedentes, foi Virgem e Mãe ao mesmo tempo, Mãe de seu Criador, grávida sem as suas moléstias, dando à luz sem dor e sem corrupção, gerando sem concupiscência, por obra, não de varão, mas sim do Espírito Santo, além de extraordinária em todas suas obras e virtudes. Dionísio a teria adorado como Deus se não fosse pela fé.

Não se deve admirar que ela não fosse tocada por um leve pensamento de pecado, nem leve movimento, nem leve deslize, mas permaneceu completamente pura, sem qualquer tentação interior, instigação ou sentimento de pecado, mas é de se admirar profundamente que, apesar de possuir a carne, não tenha sentido as consequências da carne. Por isso, o Salmista, estupefato pela inocência e pureza dela, sem qualquer pecado venial ou mesmo levíssimo, diz: “Vinde ver os atos do Senhor, é ele quem na terra faz assombros” (Sl 45,9), a terra bendita da qual “brotou a verdade” (Sl 84,12). Mas uma só coisa é absolutamente estupenda: “Acaba com as guerras até ao extremo da terra” (Sl 45,10). Esta é, portanto, a terra na qual todas as guerras, sem exceção, são eliminadas. Nesta terra toda rixa é retirada; nesta terra reinará plenamente a paz. Pois bem, as palavras da mencionada profecia devem se aplicar à Virgem Maria, na qual a terra de nossa miserável condição obteve a paz perfeita, da qual se refere, contra a impugnação de todos os vícios. A razão é que a plenitude da graça não deixou nela nenhuma fraqueza espiritual, nem de imperfeição, de modo tal a consolidar nela toda a bondade, a fim de que sequer o mínimo defeito pudesse em absoluto incidir sobre ela, nem mesmo qualquer coisa que obrigasse a pedir perdão.

Nos demais santos é extraordinário conseguirem se manter inexpugnáveis diante dos vícios; na Virgem parece admirável que os vícios não puderam, num mínimo sequer, triunfar sobre ela. Dos demais santos se pede em geral que não reine o pecado em seus corpos mortais; somente à Virgem se concede o dom singular de que também o seu corpo mortal, à maneira de seu Filho, não morda qualquer pecado, nem sequer o mais leve. Assim, o que se crê que houve na eliminação do pecado na Bem-Aventurada Virgem Maria é o que se espera que acontecerá com todos os santos. Diga-se que isso não se dará enquanto o corpo deles continuar mortal, e sim no futuro, quando o corpo deles já tenha se tornado imortal, o que na Santa Virgem foi sobremaneira admirável e excepcional entre todos os demais santos.

Da mesma maneira que em toda obra importante se deve distinguir matéria e forma, e que a obra artificial é feita pelo artista segundo um exemplar, assim também a obra se encontra no artífice de modo máximo e admirável, quando o pintor ou o escultor consegue reunir toda uma história num pequeno espaço como, por exemplo, a Paixão íntegra de Cristo. Por isso, “Vinde ver os atos do Senhor, é ele quem na terra faz assombros”. Vinde ver a “obra admirável do Altíssimo”. Ó obra admirável! Numa só alma, ou seja, na da Virgem, o supremo Artífice celeste pintou todas as virtudes dos santos. Como diz São Jerônimo: “Não há beleza, não há esplendor, que não resplandeça na Virgem gloriosa”.²⁹ Assim seja.

29) PSEUDO-JERÔNIMO. *Sermo de assumptione B.M.V. (Ant. in II Vesp. in solemnitate immaculatae conceptionis B.M.V.)*.

